

Corporeidade e gênero: paradigmas para um debate sobre Educação Física

Autores

Tania Mara Vieira Sampaio
Roberta Cortez Gaio
Ana Angelica de Freitas Goes

Apoio Financeiro

Fap

1. Introdução

É fundamental que novas questões sejam tratadas no âmbito da Educação Física e de seus vários campos de atuação, por isso, esta pesquisa interrogou esse campo de conhecimento por meio do referencial teórico de gênero, corporeidade e motricidade humana. O intuito foi o de analisar criticamente os processos normativos de construção do saber, visando a des-naturalização do que é socialmente construído. Identificando possíveis implicações tanto para as relações sociais quanto para os processos educativos e demais esferas de relações de poder, as quais não raras vezes, se mostram assimétricas. No âmbito do Lazer, da Dança e da Ginástica, por exemplo, as mulheres têm sido preteridas ou sua oportunidade adiada, em virtude de concepções histórico-culturais que ao conceber comportamentos próprios aos corpos das mulheres e dos homens as retiraram de muitos movimentos de uma real corporeidade ativa.

2. Objetivos

No diálogo epistêmico, tão fundamental ao espaço acadêmico de produção e reflexão sobre o saber acumulado e em construção, temos a necessidade de estar atentos às fortes contribuições que estão sendo dadas, nos últimos anos, por diversas ciências que não se limitam à área das Ciências Sociais e Humanas. Há questões emergentes exigindo a identificação dos limites dos saberes e a construção de paradigmas que as respondam. Nesse sentido, o presente projeto visa à identificação de paradigmas sobre Corporeidade e Gênero que ampliem os debates realizados na área da Educação Física. Entre os objetivos específicos destacam-se: Articular referenciais teóricos que propiciem uma melhor compreensão do fenômeno da Corporeidade e da Motricidade Humana em diálogo com as Teorias de Gênero; Identificar a contribuição das Teorias de Gênero para a análise das produções bibliográficas e discursos normativos dos conteúdos da Educação Física, especificamente no campo do Lazer, da Dança e da Ginástica; Analisar os desdobramentos da pesquisa para a interlocução com outras áreas de saber visando uma proposta de interdisciplinaridade.

3. Desenvolvimento

Este projeto de pesquisa assume uma posição teórico-metodológica que incide em uma atitude de ruptura com as pretensões de neutralidade na produção do conhecimento. A leitura feita parte do pressuposto de que toda a produção de conhecimento não está desprovida de pressuposições e influências do contexto no qual está inserida. O marco teórico em que se inscreve a concepção de um sujeito identificado com a escolha do objeto e do método de trabalho reafirma a neutralidade como um mito. (JAPIASSU, 1981) Traz também à tona o questionamento de uma objetividade pura para se associar aos estudos que afirmam ser a objetividade situada à única concebível, Isto é, datada, sexuada e racificada, implicando eliminar os diversos dualismos decorrentes. (SAMPAIO, 2002)

A pesquisa priorizou em um primeiro momento a identificação o mais completa possível da bibliografia produzida sobre Gênero e Educação, Gênero e Educação Física, Gênero e Corporeidade, Gênero e Motricidade Humana na produção da área da Educação Física, nos acervos das universidades, que têm programas relevantes de pós-graduação em Educação Física. O passo seguinte foi a seleção de textos, valendo-se das seguintes técnicas: análise textual; análise interpretativa; análise crítica. (BRUYNE, HERMAN e SCHOUTHEETE, 1997) O tipo de pesquisa caracterizou-se como pesquisa bibliográfica e de análise interpretativa do discurso. A isto se articulou no âmbito da ginástica uma pesquisa de campo.

A presente pesquisa buscou contribuir para a discussão de paradigmas que permitam enfrentar alguns dos atuais questionamentos que estão postos acerca das relações sociais de poder que estruturam o cotidiano de vida e de produção do conhecimento na área da Educação Física. Os estudos mediados pela categoria de gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber visando a des-naturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder. A experiência humana, por sua diversidade, resulta numa pluralidade de movimentos que se articulam em meio à provisoriedade e transitoriedade inerentes ao aspecto relacional da corporeidade no mundo. (LOURO, NECKEL e GOELLNER, 2003).

Entre os marcos teóricos importantes na reflexão dos pressupostos dessa pesquisa está a proposição da categoria analítica de Gênero que se apresenta como uma possibilidade teórica que enfrenta a pergunta pelas relações sociais de poder e, portanto, é capaz de articular não só a confluência das relações de sexo, mas também étnicas, de classe... que atravessam as diferentes parcelas da humanidade em suas relações e produções de saber. A articulação das categorias de classe, de etnia/raça e de gênero assinala um duplo compromisso, o da inclusão dos discursos das pessoas que experimentam a opressão e o da realização de uma análise do sentido e da natureza destas opressões. (SCOTT, 1991)

O caráter histórico-cultural da categoria gênero ajuda no processo de explicitação dos silêncios que a área da Educação Física – em especial do Lazer, da Dança e da Ginástica –, precisa romper quando alude a uma corporeidade genérica que transcende gênero, classe ou raça nas suas condições concretas de ser pessoa e ser objeto da cidadania anunciada. (GOELLNER, 2001, SOUSA, 1997)

4. Resultados

Ao considerar o resultado da pesquisa bibliográfica pode-se constatar que o saber, não apenas, em sua construção e transmissão teórica, mas igualmente a realidade está construída com base em relações sociais de poder. Nestas, as relações de gênero apresentam-se marcadas por interesses e relações assimétricas que, muitas vezes, subordinam as mulheres, bem como outros grupos sociais. Segundo Jo Ann Scott (SCOTT, 1991), à medida que gênero constitui-se em uma categoria de análise é possível estabelecer analogias com a classe e a raça, levando-se em consideração que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos. Muito embora não se possa afirmar uma paridade entre estes três termos e sua aplicabilidade analítica aos processos estruturais. Na visão da autora, a articulação das categorias de classe, de etnia/raça e de gênero assinala um duplo compromisso, o da inclusão dos discursos das pessoas que experimentam a opressão e o da realização de uma análise do sentido e da natureza destas opressões.

Essa reflexão apóia-se na compreensão de que não há sociedade que não elabore imagens vinculadas ao masculino e ao feminino e estas construções são datadas e contextualizadas. “As ações humanas não são apenas fruto de decisões racionais, mas se estruturam a partir do imaginário social com seus simbolismos que subsistem nas culturas. São produções de sentido que circulam na sociedade e permitem a regulação dos comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais.” (TEVES, 2000, p. 190) Esse complexo mecanismo de construção de um saber com características de algo “natural” e aparência de imutabilidade precisa ser desvelado por uma atitude científica de suspeita e superação epistemológica. (MATOS, 2003)

O debate acerca do caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo adverte para a compreensão de que a dimensão de sexo não se restringe ao aspecto puramente biológico, mas transita nas construções sociais. Este dado nos permite não naturalizar processos de caráter histórico, interpondo-se aqui a categoria gênero como algo distinto de sexo. No significativo estudo histórico de Maria do Carmo Saraiva, podemos encontrar as contradições que marcam o esporte e os distintos processos que circunscrevem as mulheres a algumas práticas exclusivamente femininas. Segundo ela, “no campo esportivo também aparecem às contradições como a contradição entre o culto da graciosidade e ‘suavidade’ e os riscos dos esportes adequados às mulheres, como a ginástica olímpica, a patinação, a GRD (Ginástica Rítmica Desportiva), etc. As normas estéticas rígidas (...) recrudescem na forma de “técnica” nesses esportes, como na GRD, esporte exclusivamente feminino, fundamentado em movimentos ginásticos e da dança.” (SARAIVA, 1999, p. 62,63)

Assim, propomos compreender o conceito de relações de gênero como instrumento capaz de captar a trama das relações sociais, bem como as transformações historicamente sofridas através dos mais distintos processos sociais. A compreensão dos acontecimentos no viés das relações sociais de poder converte-se em uma chave de leitura que capta a multiplicidade de relações que se entrecruzam e se entre-determinam. Os estudos mediados pela categoria de gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber visando a des-naturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder. A reflexão sobre a corporeidade não pode prescindir de localizá-la em sua materialidade. Esse corpo em movimento apresenta-se identificado por seu sexo, sua etnia, sua classe social, sua idade, suas crenças etc.

5. Considerações Finais

Em síntese, pode-se afirmar que a mediação de Gênero tem possibilidades de contribuir para: desvelar os mecanismos por meio dos quais se produz e se reproduz a dominação das mulheres ou de outros grupos sociais; trazer à tona processos históricos de resistência à opressão; considerar os embates atuais sobre processos de exclusão e inferiorização; enfrentar a paralisação diante da perspectiva de que o poder reside exclusivamente nos setores dominantes; afirmar que esse poder se encontra também disperso em uma relação social de forças continuamente em mutação; identificar que não apenas o saber em sua construção e transmissão teórica, mas igualmente a realidade está estruturada por relações sociais de gênero, isto é, marcada por interesses e relações assimétricas que subordinam as mulheres; discutir tais assimetrias como oriundas de construções sociais que podem ser des-construídas ou reconstruídas sobre outras bases e critérios; interrogar os processos normativos de construção do saber, as linguagens acadêmicas, a seleção de conteúdos, a organização administrativo-acadêmica visando a des-naturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder.

Referências Bibliográficas

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

LOURO, Lopes Guacira. NECKEL, Jane Felipe e GOELLNER, Silvana Vilodre. (org). **Corpo, gênero e sexualidade um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis-RJ: VOZES, 2003.

MATOS, Maria Izilda S. e SOHITE, Rachel (org). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Avançar sobre Possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre os esportes. In: MOREIRA, W.W., e SIMÕES, R. (Orgs.) **Esporte como Fator de Qualidade de Vida**. Piracicaba, Unimep, 2002, pp.: 85-99.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-Educação Física e Esportes. Quando a diferença é mito*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS – Corpo, 1991.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Ensino da Educação Física escolar para turmas mistas: muito difícil! Difícil demais?! **Dois Pontos**. Belo Horizonte, mar/abr. 1997, p. 78-82.

TEVES, Nilda. Corpo e Esporte: símbolos da sociedade contemporânea. In: MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina. Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio .Piracicaba: Editora Unimep, 2000.